



Tarsila do Amaral. *Caipirinha*, 1923.
Óleo sobre tela, 60 x 81 cm,
Coleção Salim Taufic Schahin, São Paulo, SP.
©Tarsila do Amaral Licenciamento
e Empreendimentos S.A.

EXPOSIÇÃO

TARSILA DO AMARAL

[1886-1973]

ENTRE SÃO PAULO E PARIS

MICHELE PETRY – ABCA/SANTA CATARINA

RESUMO: Este texto foi publicado originalmente sob o título *Tarsila do Amaral (1886-1973) - Entre Paris et São Paulo, l'itinéraire de « la peintre du Brésil »*, na revista *Beaux Arts (Hors-Série)*, edição especial dedicada à Tarsila do Amaral por ocasião da sua exposição individual “Tarsila do Amaral Pintando o Brasil moderno” no Museu de Luxemburgo, em Paris, entre os dias 09 de outubro de 2024 e 02 de fevereiro de 2025, com a curadoria de Cecilia Braschi. Nele abordo a trajetória da artista e eventos que marcaram a sua vida e obra, realizando uma homenagem à artista no contexto do seu reconhecimento em Paris, cidade com a qual ela estabeleceu laços profundos.

PALAVRAS-CHAVE: Tarsila do Amaral; São Paulo; Paris; Exposição; Homenagem.

ABSTRACT: This text was originally published under the title *Tarsila do Amaral (1886-1973) - Entre Paris et São Paulo, l'itinéraire de « la peintre du Brésil »*, in the magazine *Beaux Arts (Hors-Série)*, a special edition dedicated to Tarsila do Amaral on the occasion of her solo exhibition “Tarsila do Amaral Painting Modern Brazil” at the Luxembourg Museum in Paris, from October 9, 2024 to February 2, 2025, curated by Cecilia Braschi. In the text, I discuss the artist's career and the events that marked her life and work, paying tribute to the artist in the context of her recognition in Paris, a city with which she established deep ties.

KEYWORDS: Tarsila do Amaral; São Paulo; Paris; Exhibition; Tribute.

“Sinto-me cada vez mais brasileira: quero ser a pintora da minha terra. Como agradeço por ter passado na fazenda a minha infância toda. As reminiscências desse tempo vão se tornando preciosas para mim. Quero, na arte, ser a caipirinha de São Bernardo, brincando com bonecas de mato, como no último quadro que estou pintando”¹.

Entre as fazendas do interior paulista, São Paulo, Barcelona, Paris e Rio de Janeiro, Tarsila do Amaral pintou, escreveu, estabeleceu relacionamentos amorosos, afetivos e profissionais, e viveu intensamente. Por meio da sua experiência de vida e produção artística e intelectual, ela desenvolveu a sua personalidade e inscreveu, de forma permanente, o seu nome na história da arte.

DAS FAZENDAS DE SÃO PAULO À PARIS

Tarsila do Amaral nasce no dia 1º de setembro de 1886 na cidade de Capivari, no interior do estado de São Paulo. Seu pai, José Estanislau do Amaral, é formado em Direito e fazendeiro de café que possui muitas

terras na região. Sua mãe, Lydia Dias do Amaral, é uma compositora e pianista autodidata². O contexto histórico do nascimento de Tarsila é aquele do Brasil do final do século XIX, um período marcado pelo Império e por uma sociedade escravocrata, fruto de um processo de colonização e de modernização europeia. Essa época precede a *Abolição da Escravatura* em 1888 e a Proclamação da República em 1889.

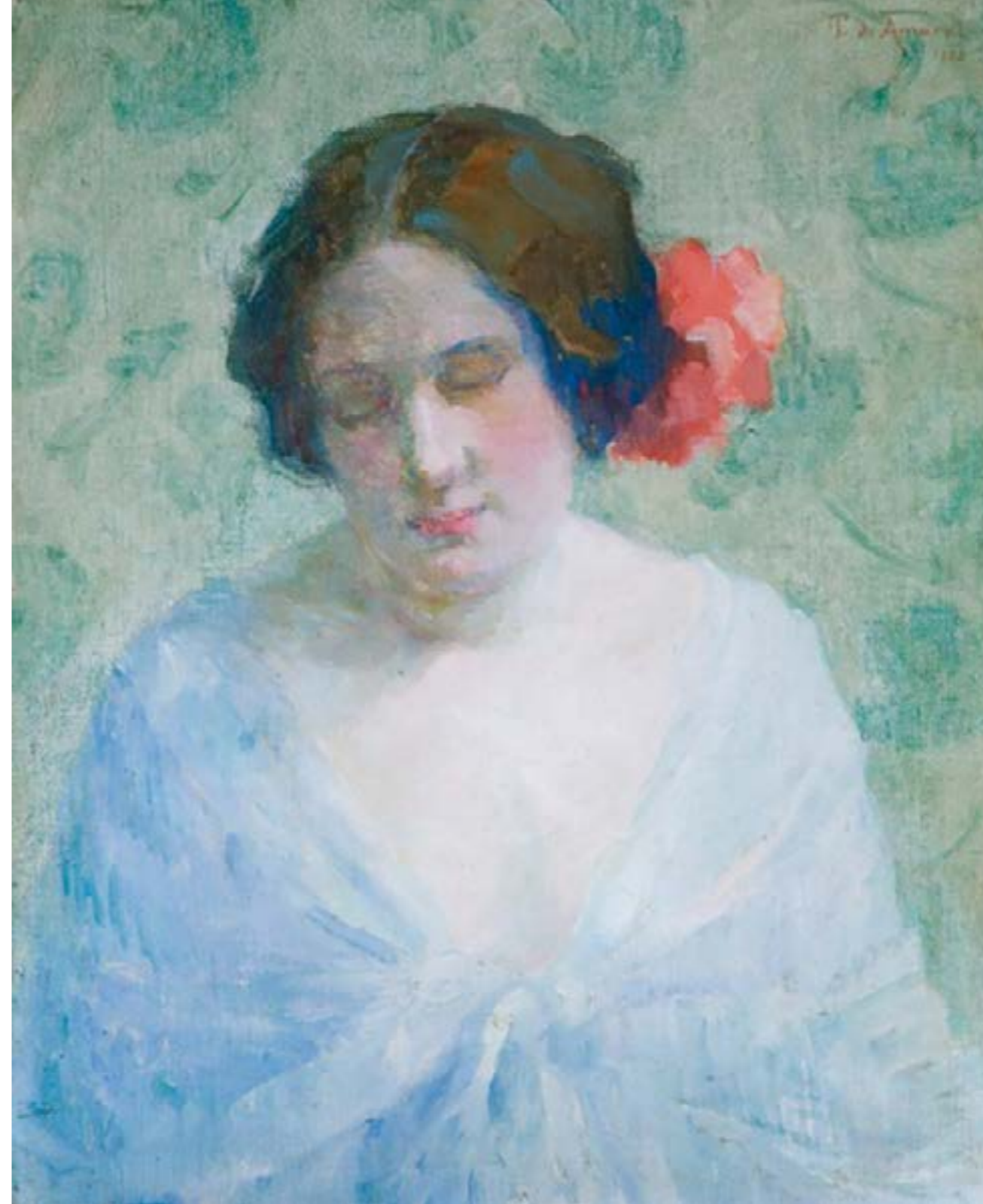
Nas fazendas São Bernardo e Santa Teresa do Alto, Tarsila vive a sua infância livremente, impregnada de aspectos da cultura francesa importada. Ela estuda o idioma com uma professora particular e recebe uma educação tradicional. Na capital paulista, ela realiza seus estudos colegiais, prosseguidos no colégio *Sacre-Cœur* em Barcelona após uma primeira viagem à Europa com a família, em 1902. Dois anos depois, ela conhece a cidade de Paris, com a qual se vincularia de forma profunda. Em 1904, Tarsila retorna ao Brasil e casa-se com o primo da sua mãe, André Teixeira. Desse casamento nasce sua única filha, Dulce, em 1906, que

falece em 1966. Sua neta Beatriz vive até os quinze anos de idade, em 1949.

Em 1913, Tarsila, já separada, deixa a fazenda Sertão para São Paulo e decide estudar pintura, considerando-se tímida demais para apresentar-se em público enquanto pianista como sua mãe. Seus primeiros professores de escultura são William Zadig e Oreste Mantovani, em 1916. Em 1917, ela inicia estudos de desenho e de pintura com Pedro Alexandrino, seguido de George Elpons em 1919.

É no seu ateliê da rua Vitória - que ela aluga durante suas ausências do país - que Tarsila encontra os artistas e intelectuais da Semana de Arte Moderna de 1922. “Meu ateliê tornou-se durante seis meses o centro para onde convergiam os exaltados da revolução artística.”³. Apesar do encontro com o grupo, Tarsila não se identifica imediatamente com as ideias colocadas e retorna à Paris.

Tarsila fixa-se na capital francesa pela primeira vez em 1920, acompanhada de sua filha Dulce, que passara a residir em um internato na Inglaterra. Na França, frequenta a



Tarsila do Amaral.

Figura (O Passaporte), 1922.

Óleo sobre tela, 61 x 50 cm.

Coleção particular, São Paulo, SP.

©Tarsila do Amaral Licenciamento e Empreendimentos S.A.

Tarsila do Amaral. *Abaporu*, 1928.
Óleo sobre tela, 85 x 73 cm.
Museo de Arte Latinoamericano
de Buenos Aires - Fundación
Costantini, Buenos Aires,
Argentina. ©Tarsila do Amaral
Licenciamento e
Empreendimentos S.A.



Academia Julien, o ateliê de Émile Renard e o curso livre de M. Oury⁴. Em 1922, ela é admitida no Salon officiel des artistes français com a tela *Figura (O Passaporte)*. Ela tem como mestres André Lhote, Marie Blanchard, Albert Gleizes e Fernand Léger.

Sua presença em Paris situa-se no âmbito da chamada “Escola de Paris”⁵, um grupo de artistas franceses e estrangeiros atuantes na cena artística local no início do século XX. Em seus diferentes ateliês, Tarsila organiza almoços brasileiros e é apresentada para importantes personalidades por meio do seu amigo Blaise Cendrars. Mais tarde, ela escreveria crônicas sobre esse período esfuziante. Em uma delas, a artista recorda: “Essa França que viveu embrionária na minha imaginação infantil desabrochou em realidade deslumbrante nos muitos anos que vivi em Paris: museus, teatros, artistas, escritores... Que saudades!”⁶.

Em Paris, Tarsila convive com artistas e incentivadores brasileiros, como Vicente do Rego Monteiro, Emiliano Di Cavalcanti, Heitor Villa-

Lobos, Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado. Ela também é próxima dos estrangeiros Constantin Brancusi, Juan Gris, Pablo Picasso, Rolf de Maré, e dos franceses Jean Cocteau, Erik Satie, Max Jacob e André Breton. De volta ao Brasil, ela estabelece amizade com Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade, com os quais forma o “Grupo dos Cinco”. Em 1922, Tarsila se relaciona com o poeta Oswald de Andrade. Eles formam um casal icônico, oficializando sua união em 1926.

VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL SE ENTRELÇAM

A relação entre Tarsila e Oswald é também profícua no plano profissional para ambos, com a publicação de livros e ilustrações, assim como de pinturas como *Abaporu*, que inspirou o Movimento Antropofágico. Apesar disso, em 1929 eles separam-se, após Tarsila descobrir a traição de Oswald com a jovem Pagu.

Naquele ano, a crise dos Estados- Unidos provoca graves repercussões na economia cafeeira do Brasil. A fazenda Santa Teresa do Alto,

herdada do seu pai, é hipotecada, e em 1930, Tarsila passa a trabalhar na Pinacoteca do Estado de São Paulo, onde ela é encarregada do serviço de catalogação e de elaboração de um plano de reforma⁷. Ela perde o cargo pouco tempo depois, em decorrência da Revolução de 1930, que resulta na deposição do presidente Washington Luís - padrinho do seu casamento com Oswald. Embora derrotado nas eleições por Júlio Prestes, Getúlio Vargas assume o Governo Provisório e instaura um regime autoritário que perduraria até o ano de 1945, com um breve período constitucional entre 1934 e 1937⁸.

Entre 1931 e 1933, Tarsila se relaciona com o médico e escritor Osório César, com quem ela compartilha atividades políticas e culturais. Em 1931, eles partem para a União Soviética, uma viagem que levaria à sua prisão por um mês no presídio Paraíso, em 1932. Nesse mesmo ano, a Revolução Constitucionalista eclode em São Paulo, contra o governo de Vargas. Entre 1935 e 1938 Tarsila divide o seu tempo entre o Rio de Janeiro e São Paulo. De 1937 a 1945, o



Tarsila do Amaral. *Caipirinha*, 1923. Óleo sobre tela, 60 x 81 cm, Coleção Salim Taufic Schahin, São Paulo, SP.
©Tarsila do Amaral Licenciamento e Empreendimentos S.A.



Tarsila do Amaral na frente da sua obra *Operários* (1933). Fotografia publicada no Diário de S. Paulo de 06.09.1964, última página 1º caderno. Fotos de Heitor Hui e dos guardados da pintora. Reportagem de Margarida Izar, intitulada "Tarsila azul, Tarsila côr-de-rosa". Acervo do [Collection of] Centro de Pesquisa do [Reserach Center of] Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Brasil fica sob a ditadura do Estado Novo, instaurada por Getúlio Vargas. A artista é registrada, naquele último ano, por atividades comunistas em ficha policial arquivada no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)⁹, órgão de controle do governo.

De 1933 a 1951, Tarsila compartilhou sua vida com o jornalista Luís Martins. Ela conhece com ele uma nova decepção amorosa, mas sua amizade perdura até o fim de sua vida. É notável que as relações pessoais da artista se ramificam em projetos e possibilidades para a sua obra. Trânsitos entre o Brasil e a França a bordo de navios, trocas de cartas, discussões em torno da Semana de Arte Moderna, viagens ao Carnaval no Rio de Janeiro, às cidades históricas de Minas Gerais ou a países como Argentina, Chile, Portugal, Espanha, Itália, Grécia, Turquia, Líbano, Chipre, Israel, Egito, União Soviética... Essas experiências marcam profundamente a sua produção artística, ampliando o seu olhar para questões políticas, estéticas e culturais.



Vue nº10 de l'exposition Tarsila do Amaral. Peindre le Brésil moderne © Photo Didier Plowy pour le GrandPalaisRmn, 2024

ANTES E APÓS A CONSAGRAÇÃO

Como forma de manter-se financeiramente nesse cenário delicado do Brasil, Tarsila escreve para a imprensa, vende suas obras, realiza retratos para museus e ilustra livros. Entre as décadas de 1930, 1940 e 1950, ela publica centenas de crônicas em jornal e continua produzindo inúmeras obras em técnicas variadas, conservando as características marcantes das fases precedentes, ainda que sem o reconhecimento da crítica.

A artista também vivencia parte da Ditadura Militar brasileira, instaurada em 1964. Naquele ano perde a amiga Anita Malfatti e tem o seu trabalho reconhecido na XXXIIª Bienal de Veneza. Em 1969, a retrospectiva “50 anos de pintura”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em seguida no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) repercute positivamente para a artista e indica um interesse renovado na sua produção.

Em 1971, o Museu da Imagem e do Som de São Paulo grava uma entrevista histórica com Tarsila do Amaral na sua residência. A artista rememora a sua infância, o seu percurso e as ressonâncias de sua obra naquele momento da sua vida. No ano seguinte, por ocasião do 50º aniversário da Semana de Arte Moderna de 1922 no Brasil, ela participa das comemorações na exposição *Semana de 22: antecedentes e consequências* no Museu de Arte de São Paulo (Masp). Adoecida, a artista falece em 1973, no hospital da Beneficência Portuguesa de São Paulo.

Após sua morte, importantes exposições são organizadas em sua homenagem no Brasil e no exterior. “Tarsila anos 20”, no Serviço Social da Indústria (SESI) de São Paulo em 1997, “*Tarsila do Amaral: peintre brésilienne à Paris - 1923-1929*”, na *Maison de l'Amérique Latine*, em Paris, 2005, “Tarsila viajante”, na Pinacoteca de São Paulo e no Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires, em 2008, “*Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art in Brazil*”, no Museu de Arte Moderna (MoMA), em Nova

Iorque, 2018, “Tarsila Popular” no MASP, em 2019, e “Tarsila, estudos e anotações”, na Fábrica de Arte Marcos Amaro, em Itu, 2020, são algumas das mostras dedicadas à artista a partir do final do século XX.

Agora, entre 2024 e 2025, o GrandPalaisRmn realiza a exposição “*Tarsila do Amaral. Peindre le Brésil moderne*” no Museu de Luxemburgo, quase cem anos após a primeira exposição individual da artista em Paris, na Galeria Percier em 1926, a qual segue depois para o Museu Guggenheim Bilbao, na Espanha. Essas exposições oferecem a oportunidade de lançar um novo olhar sobre Tarsila do Amaral, cujo legado monumental permite acessar o passado artístico-cultural do Brasil e da França, assim como interpretar a sua obra no tempo presente. Elas demonstram igualmente que a sua trajetória particular, marcada por uma entrega à vida e à arte, consagrou a ela o lugar que ousou e almejou ocupar: aquele de ser a pintora emblemática do seu país.

NOTAS

1 AMARAL, Tarsila. Carta de Tarsila à família. Paris, 19/04/1923. In: AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. 3. ed. São Paulo: Editora 34/Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 101. O texto faz referência à obra Caipirinha, de 1923.

2 GOTLIB, Nádia Batella. Tarsila do Amaral, a modernista. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

3 AMARAL, Tarsila. Recordações de Paris. Habitat – Revista de Artes no Brasil. São Paulo, n. º 6, 1952. In: BRANDINI, Laura Taddei (Org.). Crônicas e outros escritos de Tarsila do Amaral. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 731-732.

4 BARRROS, Regina Teixeira de. Sobre os desenhos de Tarsila. In: Tarsila: estudos e anotações. Fábrica de Arte Marcos Amaro: Itu, 2021.

5 BATISTA, Marta Rossetti. Os artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 1920. São Paulo: Editora 34, 2012.

6 AMARAL, Tarsila. França, eterna França... Revista Acadêmica. Rio de Janeiro, novembro de 1946. In:

BRANDINI, Laura Taddei (Org.). Crônicas e outros escritos de Tarsila do Amaral. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 726.

7 REIS FILHO, Augusto Meirelles. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Côrrea. São Paulo, 02 mai. 1930. Carta informando sobre encarregamento de Tarsila do Amaral para realização de serviços na Pinacoteca, localizada no Acervo Biblioteca de Artes Visuais da Pinacoteca de São Paulo.

8 SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

9 SANTOS, Patrícia; FOLHAPRESS. Ficha policial de Tarsila do Amaral que está na sala do arquivo do DOPS, depositado no prédio do Arquivo do Estado, em Santana, São Paulo – SP. São Paulo, 16 mai. 2002. 1 fotografia, 15cm x 10cm. Banco de Imagens da Folhapress.

MICHELE PETRY

Pós-doutorado no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) (2018-2020) e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2017-2018), com pesquisas sobre a obra de Tarsila do Amaral. Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC (2016), com período de estágio sanduíche na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines e na École Normale Supérieure de Paris (2013-2014). Mestre em Educação e em História na UFSC (2010; 2011). Bacharel em Letras/Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa na UFSC (2012). Licenciada e Bacharel em História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (2009).